

# O LÉXICO ZOOTÉCNICO

Simone OLIVEIRA<sup>1</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Catu, Rua Barão de Camaçari, 118, e-mail: [simone2009oliveira@gmail.com](mailto:simone2009oliveira@gmail.com)

## RESUMO

Este artigo apresenta o projeto de pesquisa de campo, que pretende incluir itens lexicais zootécnicos, em um glossário da agricultura, unificando a área da agropecuária. O trabalho será desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Catu e na zona rural no Município de Catu, no Estado da Bahia, em três etapas, considerando-se o processo interacionista e investigando-se o léxico zootécnico: a primeira etapa será realizada no IF Baiano Catu, onde serão observadas aulas teóricas e duas práticas, ligadas à zootecnia ou áreas afins, e com professores diferentes; a etapa dois será realizada na zona rural de Catu, através de um Treinamento de Mão de Obra, em uma propriedade rural, ainda com docentes, alunos e produtores rurais e a última etapa consistirá em organizar um glossário, contendo formas lexicais ligadas à área zootecnia. A exposição deste projeto tem como objetivo a troca de informações e a obtenção de sugestões de pesquisadores afins, para dar andamento ao projeto, que auxiliará ao extensionista, que trabalha com produtores rurais criadores de pequeno número de animais, explorados como subsistência familiar.

**Palavras-chave:** zootecnia, glossário, produtor rural

## 1 INTRODUÇÃO

O projeto intitulado *O léxico zootécnico* pretende ampliar a pesquisa iniciada no Curso de Doutorado - *O léxico da agricultura na interação verbal* – para dar prosseguimento ao levantamento de itens lexicais que agrupam a área agropecuária – a agricultura e a zootecnia. O trabalho será desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Catu<sup>2</sup>, no Município de Catu, no Estado da Bahia. Nesta etapa, a pesquisa estará voltada para o processo de interação face a face entre os sujeitos pesquisados, relevando-se possíveis aspectos que despertem o interesse da pesquisadora para serem colocados em pauta e considerando-se os seguintes objetivos:

- Destacar itens lexicais na comunicação entre professores e alunos da área da zootecnia, no IF Baiano – Catu;
- Estudar as lexias inerentes à interação face-a-face entre os sujeitos pesquisados;
- Analisar os dados coletados em um Treinamento de Mão de Obra<sup>3</sup>, no que dizem respeito à interação face a face, envolvendo a documentadora, professores, alunos do Instituto e produtores rurais;
- Observar a variação semântica e a lexical no *corpus* documentado da pesquisa;
- Investigar as relações interacionistas e a variação lexical existentes entre os falantes pesquisados neste processo;
- Comparar os resultados obtidos no momento anterior a esse, relativo ao processo de interação *técnico/homem do campo*, na área da agricultura com os da zootecnia;

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras na área de Linguística, na linha da diversidade lingüística no Brasil (Universidade Federal da Bahia)

<sup>2</sup> Leia-se IF Baiano – Catu, ao longo do texto.

<sup>3</sup> O Treinamento de Mão de Obra tem como objetivo capacitar os produtores em atividades teórico-práticas, geralmente realizadas em dois dias, com um público de quinze a vinte produtores, em que o produtor aprende a fazer, fazendo.

- Organizar um glossário com variantes linguísticas da área zootécnica e de áreas afins, pertinentes à região de Catu, constando também as definições das citadas variantes, a fim de colaborar com a divulgação e também preservação deste léxico específico;
- Disponibilizar aos profissionais, que trabalham em projetos de extensão rural na área da zootecnia, uma análise crítica quanto à interação comunicativa entre os sujeitos pesquisados, objetivando a melhoria na condução de seus trabalhos;
- Colaborar com a preservação da linguagem e até da cultura de um povo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Antecedentes do Problema

Como o presente projeto decorre da ampliação da tese do Curso de Doutorado intitulada *O léxico da agricultura na interação verbal*, já informado anteriormente, vale ressaltar que, naquele primeiro momento, a variação semântica e a lexical provocaram dificuldades na interação entre o profissional da área agrícola e o trabalhador rural. Constatou-se que as variáveis extralinguísticas interferiram no processo interacionista. Além disso, observou-se que durante o Treinamento de Mão de Obra a condução da atividade não era equilibrada, ou seja, ao mesmo tempo em que o instrutor conduzia o roteiro para absorver os resultados benéficos, foram apresentadas ações que dificultaram o alcance dos objetivos propostos. No tocante aos aspectos positivos destacados, constatou-se que:

1. apresentou-se a teoria e imediatamente a prática daquilo que estava sendo informado, inclusive com ilustrações;
2. o instrutor concedeu aos agricultores a oportunidade de demonstrarem o conhecimento e a nomenclatura específica do cotidiano rural de que dispõem através da experiência na lavoura, objetivando a aproximação entre os informantes;
3. existiu, em alguns momentos, a troca de turno, encadeando a conversação entre os sujeitos envolvidos.

Isto posto, a interação entre o técnico e o agricultor existe e é evidente, em alguns momentos, e muito mais comprovado, quando um falante se refere a um conteúdo complementado por outro, ou quando há uma reciprocidade de ações em torno de um aspecto. No entanto, resgatando-se os aspectos negativos, observou-se que existem alguns fatores que precisam ser revistos:

1. o uso de estratégias pouco eficientes adotadas pelos profissionais ao apresentarem as teorias, e o uso de variedades linguísticas empregadas pelos técnicos;
2. a sequência do planejamento; que é fundamental neste processo pedagógico, atentando-se para os imprevistos que possam se apresentar durante o treinamento, a despeito de sua prévia organização;
3. a participação efetiva da platéia; é preciso proporcionar a interação entre os participantes, dando-lhes oportunidade de expressão;
4. a dispersão do discurso dos interlocutores, ou seja, o instrutor deverá estar atento para a manutenção do tema em foco.

Observou-se, nesta pesquisa, que para o processo de interação verbal transcorrer com maior eficiência no andamento dos projetos agrícolas, seria necessário que estes falantes pudessem estar mais próximos linguisticamente uns dos outros, buscando um entrosamento mútuo. Não é preciso, no entanto, que um anule a sua linguagem, substituindo-a pela do outro, mas que o extensionista, especialmente, esteja familiarizado com a fala de seus interlocutores, inclusive com as formas neológicas, para que seja observado o uso de expressões, mais próximas ao entendimento das pessoas com quem estão dialogando, facilitando este processo de interação.

Verificou-se que o homem da zona rural costuma fazer uma associação semântica, na identificação das formas linguísticas às atividades desenvolvidas no campo, relacionadas semanticamente à maneira como faz, ao formato, ao aspecto, ao tempo, ao período, à cor, conforme exemplo a seguir: *coração*, para o agricultor, é a denominação para a *parte terminal da inflorescência da bananeira*, motivação semântica relacionada ao formato do coração e à forma arredondada da parte roxa da bananeira, que fica pendurada no cacho da banana. Dessa forma, o agricultor não identifica a terminologia técnica, nem compreende integralmente o sentido desta nomenclatura específica. Sendo assim, para o lavrador o *adubo orgânico* é *adubo natural*;

*armazenar é guardar; curva de nível é fazer uma valeta; cultivar é lavrar; época do plantio é a época da chuva, da lua; gema da maniva é olho; rebrotar é retonhar, dentre outros.*

Considerando-se as descrições das unidades lexicais retiradas dos momentos anteriores a este, organizou-se um glossário, cujo número de lexias perfaz um total de duzentas e quarenta e três formas, que estão disponíveis no trabalho. O objetivo do glossário é, justamente, propiciar aos profissionais da área da agricultura o conhecimento de outras denominações para os termos técnicos, com as suas respectivas formas ou expressões, a fim de que a interação entre estes sujeitos seja mais produtiva. Sugere-se, então, que haja uma reflexão quanto à metodologia, às estratégias e à linguagem utilizadas pelos extensionistas nestes eventos. Enfim, o glossário, resultado desta investigação, foi concebido para fornecer ao técnico uma relação de termos mais utilizados pelo homem do campo. Sabe-se que às vezes o técnico tem conhecimento do repertório verbal do agricultor, mas não utiliza formas dele oriunda, por considerá-las *incorretas* ou *inadequadas*. Com este trabalho, pretende-se então combater o preconceito linguístico e dar voz aos agricultores.

## **2.2 Pressupostos Teóricos**

### **2.2.1 Interação técnico/homem do campo**

O processo interacional engloba os falantes de uma língua qualquer que a utilizam como “instrumento” linguístico. Os participantes da comunicação num jogo de ação e reação trocam mensagens uns com os outros. Tradicionalmente, a denominação dada para a troca de informações entre os falantes se chama *comunicação*. A comunicação se processa como um momento estanque, como se o *sujeito dissesse algo* e a etapa fosse finalizada, a mensagem é enviada para o *sujeito que ouve* e também se encerra ao ser ouvida. Na verdade, a conversação não se faz por momentos isolados, o processo é contínuo, interativo e relacionado ao contexto. Esta é a diferença entre a comunicação e a interação, embora uma não invalide a outra. Quanto à interação contextualizada, observa-se o que afirma Koch (1997, p. 109):

“É por tudo isso que não basta estudar a língua como um código (conjunto de signos), através do qual um emissor transmite mensagens a um receptor; nem como um sistema formal, abstrato, de relações entre elementos de vários níveis que permitem estruturar as frases de uma língua, nem como um conjunto de enunciados virtuais cujo “significado” é determinado fora de qualquer contexto.

É preciso pensar a linguagem humana como um lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos.”

Os sujeitos precisam comunicar-se permanentemente para atenderem às suas necessidades. Segundo Berlo (1979), a interação entre os falantes exige uma reciprocidade de papéis, um assumindo o papel do outro. O autor afirma que, quando duas pessoas interagem, põem-se no lugar da outra, procurando perceber o mundo como a outra o percebe, tentando prever como a outra responderá. O objetivo da interação é a fusão da pessoa e do outro, a total capacidade de antecipar, de prever e comportar-se de acordo com as necessidades conjuntas da pessoa e do outro. E finaliza, definindo a interação como o ideal da comunicação, a meta da comunicação humana. Consequentemente, a interação se configura como um processo mais completo, se comparada à comunicação.

Retomando a questão da comunicação assimétrica, que se refere ao diálogo entre falantes com conhecimentos distintos – especificamente o que está sendo estudado nesta pesquisa – salienta-se a relação de poder nesta interação. Estabelece-se a relação de poder entre os sujeitos, apresentando-se características de dominante e dominado: o dominante – *professor* – na figura do mais forte e mais culto, formulador de opinião; o dominado – *aluno* – como o mais fraco e menos culto. Santos (1999, p. 18), analisando as relações de poder entre falantes advindas das condições socioculturais distintas, diz que:

“Em todos esses discursos, o que se observa é a existência sempre de um que sabe mais que o outro, sendo isso expresso claramente nas múltiplas situações em que tais interlocutores se envolvem na sociedade em que estão inseridos. A título de exemplificação, cite-se o caso de dentistas (Coleman & Burton, apud Dijk, 1988a, p.42) que, elaborando seu trabalho dentário, falam, durante esse tempo, perfazendo 71% de participação e o paciente, 26% do tempo que foi destinado a esse tratamento dentário, restando apenas 3% para a atendente, o que prova ser uma relação assimétrica, isto é, o dentista está numa posição privilegiada, que é marcada não apenas por sua formação acadêmica e seu **status**, mas também, muitas vezes, pela idade e classe social e principalmente por motivos técnicos.”

Neste caso, apresenta-se a comunicação entre o professor e o aluno, que também exemplifica a relação de poder na interação. O primeiro integra o grupo dos profissionais detentores da informação, como já explicitado, e o segundo se refere ao grupo dos informantes que frequenta a escola, embora não disponham ainda de um vocabulário específico, segundo as expectativas técnicas.

O docente utilizará uma linguagem mais rebuscada e, evidentemente técnica, com o objetivo de imbutir em seu aluno termos que esses profissionais precisarão ter conhecimento ao longo do cotidiano do trabalho. No entanto, deverá estar atento, sendo explicitado para esses discentes que em trabalhos de extensão rural em que o técnico, propriamente dito, precisa expor ao homem do campo conhecimentos específicos da área da zootecnia, a linguagem deverá ser permeada de itens técnicos e não técnicos, a fim de que a comunicação entre eles se processe convergentemente.

### **2.2.2 Diversidade lexical**

Não há como negar a existência da diversidade linguística. No entanto, apoiados pelo sistema linguístico e pelas normas da língua dita culta, os falantes conseguem comunicar-se uns com os outros: de um lado, os elementos de conservação da língua permitem a comunicação; do outro, a criatividade lexical propicia o surgimento de novas palavras para atender ao avanço tecnológico. Dessa forma, a criação lexical ocorre não só na língua padrão, mas também na linguagem técnica, no que se refere à linguagem do técnico, com especificidades próprias da zootecnia e, conseqüentemente, terminologia específica.

Um outro enfoque desta pesquisa se refere à linguagem do aluno, que dispõe de uma inquestionável riqueza lexical, propiciando a criação de lexias de acordo com a sua vivência. Segundo Lyons (1982), os lexemas não têm número determinado de significados distintos. Na verdade, segundo o autor, os significados lexicais se misturam e são indeterminadamente ampliáveis.

Dessa forma, o falante então utiliza a língua, e cada item lexical propicia possibilidades de uso sem se distanciar da uniformidade linguística, que permite a comunicação entre os falantes.

### **2.2.3 Lexicografia: o dicionário e o glossário**

A lexicografia, o dicionário e o glossário estão inteiramente relacionados, visto que a lexicografia é a técnica de feitura dos dicionários (HOUAISS; VILLAR, 2001) e, por extensão, dos glossários, em uma definição geral. Poucos são os textos que tratam da teoria lexicográfica. Algumas das informações disponíveis se fazem através de revistas ou artigos apresentados em congressos ou seminários mais recentes. Do ponto de vista de Borba:

“[...] a lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (BORBA, 2003, p. 15)”

Isso posto, a lexicografia se propõe a descrever o léxico, organizá-lo e disponibilizá-lo ao usuário da língua. Face à vasta heterogeneidade e possibilidade de usos do léxico que a língua detém, o registro de informações nos dicionários torna-se um elemento auxiliar fundamental no convívio homem/língua. Considerando-se a diversidade de sentido, destaca-se, aleatoriamente, o verbo *abrir* do dicionário de Houaiss e Villar (2001) a fim de ilustrar esta questão: os lexicógrafos registram 50 possibilidades sintáticas com diversidade de sentido no uso deste verbo; e se fosse feito um levantamento mais sistemático, seria observada a existência de vocábulos com inúmeros sinônimos ou várias subentradas. Destaca-se, então, a importância dessas obras lexicográficas para os usuários, auxiliando no emprego adequado e contextualizado das lexias.

Antigamente, as definições dos vocábulos nos dicionários eram tidas como elementos fragmentados, externos aos usuários da língua e ao contexto em que seriam aplicados. Nos tempos atuais, ao apresentarem-se afirmações pertinentes a um verbo qualquer, o lexicógrafo está definindo o termo, expandindo a acepção e até contextualizando-o em dado momento. Definir algo, segundo Souza (2002), é manifestar para outrem a referência que o sujeito construiu socialmente sobre uma dada realidade. Souza (2002) ainda afirma que, além do conteúdo mínimo de pertinência linguística, a definição representa o objeto nomeado suficiente para permitir uma identificação efetiva. O ato de definir é um ato de fala cujo objetivo é demonstrar o ponto de vista de alguém que tende a induzir o outro a adotar a sua definição. Assim, a definição tem por objetivo

relacionar, apresentar e integrar o consulente a um contexto referencial. As definições do homem da zona rural, por exemplo, são tecidas a partir do seu modo natural e simples de falar. Vale destacar que a definição estabelecida pelo lexicógrafo nos dicionários deve utilizar palavras usualmente conhecidas pelos falantes da língua, a fim de que atinja o objetivo de esclarecer claramente ao usuário o sentido daquele verbete.

Do ponto de vista de Borba (2003), um dicionário deve ser um guia de uso, um instrumento pedagógico. O usuário, então, tomará o dicionário como base para ampliar os seus conhecimentos, visto que as acepções estão descritas e apresentadas, considerando-se uma pesquisa em geral feita pelo dicionarista, baseada também em obras já publicadas. Cumpre salientar, assim, a responsabilidade na elaboração desses glossários, uma vez que os lexicógrafos basearão as informações de suas publicações em pesquisas geralmente testadas *in loco* pelos pesquisadores. Apresenta-se, então, a preocupação de Borba (2003, p. 139):

“Os nossos dicionários constituem-se em extensos acervos lexicais colhidos ao longo da história da língua, apoiando-se uns nos outros, e, na maioria das vezes, sem teste (sistemático) de uso. Isso se constata facilmente quando se observa a grande discrepância entre as acepções que os dicionários registram como possíveis para cada item e aquilo que realmente ocorre nos textos. O desajuste é geral.”

No entanto, o consulente não poderá deixar à margem o fato de que o uso que o falante faz da língua não é estático. Borba (2003, p. 16), em relação à função da língua, afirma: “Isso (*o fato de o dicionário ser um guia de uso, um instrumento pedagógico*) se torna crucial quando se focaliza a função de interação social da linguagem, o que permite avaliar a importância da língua para qualquer comunidade”. Destacam-se, então, as palavras do autor *a função de interação social da linguagem*, em que se coloca a língua como um instrumento que interage e não esquecendo a característica de ser dinâmica entre indivíduos de uma comunidade qualquer. Imbuído pelo caráter dinâmico, há de se considerar a dinamicidade tanto da língua, relativo ao processo de interação entre os sujeitos que mobilizam as ações relativas ao contexto, como do item lexical que varia de sentido a depender da necessidade do falante. No tocante ao léxico e à natureza dinâmica da língua, Borba (2003) propõe que um acervo de conceitos, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio instável, não apenas por causa das pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas. Ao final do texto o lexicógrafo ainda determina o objetivo básico do dicionário de uso:

“[...] registrar a norma da comunidade, pautando-se pelo esforço contínuo em representar fielmente a prática linguística dos falantes, procurando abarcar, quanto possível, os significados e usos correntes, reconhecendo os diversos matizes que caracterizam a variação (BORBA, 2003, p. 320)”

Afunilando estas observações, diferenciando-se o dicionário e o glossário no que diz respeito à especificidade deste, em relação àquele, que é mais generalizado, Xavier e Mateus (1992) propõem para estes termos, nos respectivos verbetes:

Dicionário: “Repertório estruturado de unidades lexicais, contendo informações linguísticas de natureza semântica, nocional, referencial, gramatical ou fonética sobre cada uma delas. A organização de um dicionário pode ser de caráter formal (dicionário alfabético) ou semântico (dicionário conceptual). (Xavier e Mateus, 1992, p. 127)”

Glossário: “Denomina-se glossário um dicionário que contém sob forma de simples definições (ou traduções) as significações das palavras raras ou pouco conhecidas. (Xavier e Mateus, 1992, p. 190).”

Salienta-se a informação: significações das palavras raras ou pouco conhecidas, bem como o que registra a Enciclopédia Mirador (1990), no verbete *léxico*, obtém-se a seguinte definição para *glossário*:

“[...] corresponde, via de regra, a um léxico de uma obra, de uma área, de uma delimitação espacial ou temporal em que se relacionam não todos os vocábulos empregados aí, mas os inusitados ou os eventualmente acolhidos pela primeira vez sob forma escrita, dando-se as respectivas significações e, quiçá, informações complementares (Enciclopédia Mirador, 1990, p. 6757)”

Buscou-se a definição de dicionário e glossário em um dicionário de termos linguísticos e na literatura corrente, a fim de se verificar a extensão de uma obra em relação a outra. A definição de 1992 corresponde mais especificamente à forma como se organiza a obra, referindo-se também à questão dessas obras conterem itens lexicais pouco conhecidos pelos falantes. No entanto, apesar de mais antiga – 1990 – a Enciclopédia Mirador apresenta um detalhe que se aproxima do sentido a que esta pesquisa se propõe, ou seja, *em que se relacionam não todos os vocábulos empregados aí, mas os inusitados ou os eventualmente*

*acolhidos pela primeira vez sob forma escrita, dando-se as respectivas significações e, quiçá, informações complementares.* Como o conceito de glossário explicita, os itens lexicais que o compõem são lexias específicas de uma área qualquer e mesmo sendo neologismos, empregados, pela primeira vez, por um grupo de falantes de uma região, podem ser adotados por um número maior de falantes, considerados como formas cristalizadas e, posteriormente, serem agregados a uma obra de porte mais amplo, como o dicionário. Algumas informações complementares poderão ser inseridas em notas de pé da página, objetivando dar maior clareza e auxiliar no entendimento do leitor, assim como algumas observações referentes à forma escrita, tendo em vista serem vocábulos não registrados anteriormente. É oportuno enfocar a importância do glossário, apesar de ser uma obra evidentemente menor, pois se restringe a uma área específica, traz as informações contextualizadas, de acordo com o uso. Estas obras, em geral, servem de suporte para os lexicógrafos ao organizarem as vastas edições dos dicionários. Quanto aos dicionários, Biderman (1996) esclarece que, por o léxico estar em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças sócio-culturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização. Nenhum dicionário pode ser considerado árbitro, trata-se sempre de uma obra incompleta, inacabada, dada a natureza real do léxico. De fato, para a autora, todo dicionário precisaria ser atualizado, no mínimo, a cada dez anos.

A velocidade na modificação da língua implica na atualização dos dicionários. Esta é a razão pela qual Biderman se refere ao fato de estas obras estarem sempre incompletas. O dicionário vai descrevendo e registrando os vocábulos utilizados pelos falantes, através de formas cristalizadas ou não. Cristalizadas são aquelas pertencentes à língua, e formas não cristalizadas se referem àquelas palavras que foram introduzidas recentemente no acervo lexical, sendo empregadas por um grupo de indivíduos, mas que já podem ser consideradas como parte integrante da linguagem desta comunidade e, dessa maneira, serem introduzidas nos dicionários para dar conhecimento aos usuários.

Este estudo, restrito ao léxico da zootecnia, vai apresentar o levantamento de alguns vocábulos da terminologia empregada pelo técnico/professor e/ou pelo agricultor/produtor rural no processo de interação entre eles em atividades relativas ao trabalho na lavoura, para a elaboração de um glossário específico desta área. O objetivo desta pesquisa já explicitado, é analisar o léxico na interação entre estes sujeitos, para organizar os vocábulos característicos da linguagem destes informantes.

Os pesquisadores apresentam uma organização sistemática do léxico do idioma, através destes dicionários e glossários. Biderman (1998) também afirma que o dicionarista é o porta-voz de sua sociedade, registrando, no dicionário, a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade. Sendo assim, o produto extraído especialmente deste estudo será denominado glossário justamente pelo fato de serem os termos desta investigação pertencentes à área da zootecnia, utilizados por um grupo de falantes de uma região. Além disso, justifica-se a não inclusão da designação técnica como glossário técnico, uma vez que este levantamento detém termos também de uso corrente, geral, que por opção e familiaridade com o repertório do homem do campo, passou a ser empregado pelo mesmo com um sentido técnico. O caminho percorrido pelo termo é que vai determinar o seu “destino”; a classificação do item como técnico ou não técnico é instável. Esta argumentação está pautada na observação apresentada por Borba (2003, p. 130):

“Hoje vivemos uma época de desenvolvimento da divulgação do conhecimento científico e técnico. Um novo termo ou um novo emprego surge num artigo e só é acessível a um elite de especialistas. De repente, torna-se familiar para milhões, simplesmente porque o artigo ou o assunto foi discutido num programa de TV ou veiculado num jornal. Essa situação torna perigosa a rotulação de uma palavra como técnica.”

Isto posto, apresentam-se, ao final, como resultado da pesquisa, itens lexicais técnicos ou não que podem auxiliar na interação entre os sujeitos aqui estudados.

### **3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA**

O estudo tem como finalidade ampliar o levantamento de dados para comprovar a dificuldade de comunicação entre o técnico e o homem do campo nesse processo interacionista. Será feito, então, um levantamento de itens lexicais utilizados na comunicação entre os profissionais na área da zootecnia e testá-los no campo com os produtores rurais. Objetiva-se incorporar a este levantamento as formas do primeiro momento da pesquisa, da área da agricultura, com o propósito de se fazer um mapeamento daquelas que correspondem semanticamente aos vocábulos técnicos.

## 4 METODOLOGIA E ANÁLISE

O presente projeto será desenvolvido em três etapas, considerando-se o processo interacionista e investigando-se o léxico zootécnico:

1. A primeira etapa será realizada no IF Baiano Catu, onde serão feitas observações de duas aulas teóricas e duas práticas, ligadas à zootecnia ou áreas afins, e com professores diferentes, atentando-se para a interação entre os sujeitos envolvidos no processo. Justifica-se a escolha de dois docentes diferenciados, a fim de se estabelecer um nível de comparação entre a linguagem utilizada por ambos, bem como para se obter um maior número de formas lexicais para dispor no glossário.

Serão feitas transcrições grafemáticas das aulas, cuja análise considerar-se-á itens lexicais zootécnicos, importantes para a comunicação entre os falantes pesquisados, bem como a condução do processo educativo dos docentes, incluindo a análise linguística.

2. A Etapa dois será realizada na zona rural de Catu, através de um Treinamento de Mão de Obra, em uma propriedade rural. Será selecionada uma atividade da área de zootecnia, para que o professor apresente ao produtor rural uma demonstração teórico-prática desta. Nesta demonstração, observar-se-á a relação com a escolha de uma criação em franco desenvolvimento nessa zona rural. Desta etapa farão parte a documentadora, os professores convidados na Etapa I, alunos e criadores da região. Neste momento, o interesse da pesquisa estará voltado para o comportamento interacional e para a linguagem técnica. Os trabalhadores rurais serão em número aproximado de quinze pessoas. Neste ponto, será um pouco difícil se fazer uma seleção rígida de informantes, observando-se critérios sistemáticos. No entanto, percebe-se a necessidade de, neste tipo de pesquisa, se estar atento a estas questões.

As duas fases serão filmadas e gravadas, objetivando-se uma análise mais cuidadosa da explanação do profissional. Além da utilização destes recursos audiovisuais, a pesquisadora utilizará um diário de anotações, para destacar ações e reações percebidas na interação face a face. Serão observadas as variáveis extra-linguísticas nas duas etapas dos sujeitos que participarão do processo, como: faixa etária, escolaridade e gênero. Os informantes preencherão uma Ficha de Identificação, cujos itens mais importantes para análise em questão serão: local onde residem; tempo, em anos, de residência na localidade onde mora; escolaridade; curso; ano de conclusão; empresa em que trabalham; área de atuação; tempo de trabalho na região; considerando-se os pressupostos dialectológicos. Vale a pena ressaltar que a pesquisadora estará conduzindo esta pesquisa de campo da forma mais natural possível, para que não haja interferência nos dados coletados.

3. A Etapa três consistirá em organizar um glossário, contendo formas lexicais ligadas à área zootecnia para agrupar às formas lexicais da agricultura, a fim de demonstrar a diversidade da terminologia técnica no âmbito do vocabulário agropecuário existente no município de Catu e servir de subsídio para o profissional desta área se aperfeiçoar em atividades de extensão rural.

## 5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição deste projeto no presente Congresso tem o objetivo de trocar informações e obter sugestões de pesquisadores afins, visto que a área da agricultura já dispõe de dados coletados, analisados e, inclusive, publicados; e a zootecnia, em fase de embrionária, poderá ser agrupada aos itens lexicais disponíveis na pesquisa, objetivando auxiliar ao extensionista, que trabalha com produtores rurais criadores de pequeno número de animais, explorados como subsistência familiar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, 1999.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e à prática. Tradução de Jorge Arnaldo Fortes, Revisão de I. B. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BIDERMAN, Maria Tereza C. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA; Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, p.27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**; lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, p.11-20, 1998.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**; uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 356 p., 2003.

**ENCICLOPÉDIA** Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, p.3298-3304; 6748-6760, 1990.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2922p., 2001.

KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e dicionário ilustrado** / [direção geral, Abrahão Koogan; Supervisão editorial, Antônio Houaiss]. 4. ed. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**. Tradução de Marilda W. Averbug e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Simone Maria Rocha. **Interação técnico/homem do campo**: o léxico da agricultura. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2001.

OLIVEIRA, Simone Maria Rocha. **O léxico da agricultura na interação verbal**. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2004.

SANTOS, Maria Francisca O. **Professor-aluno: as relações de poder**. Curitiba: HD, 1999.

SOUZA, Iracema Luiza de. **A definição como ato de fala ordinário**. Trabalho apresentado a 19ª Jornada de Estudos Linguísticos. (GELNE). Fortaleza, Não publicado. 4p. digitadas, 2002.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena M. **Dicionário de termos Linguísticos**. Lisboa: Cosmos, v. II, 438 p., 1992.